

Sessão 41
Biologia Animal - Ecologia II

447

DISTRIBUIÇÃO DAS ESPÉCIES DE *CORBICULA* DE ORIGEM ASIÁTICA, APÓS TRÊS DÉCADAS DA INVASÃO NA AMÉRICA DO SUL (MOLLUSCA, BIVALVIA, VENEROIDA, CORBICULIDAE). Felipe R. Cardoso*; Claudia T. Callil*; Jose A. A. Ibarra**, Maria C. D. Mansur*

(*Museu de Ciências e Tecnologia, Aquacultura - Malacologia, PUCRS; ** Laboratório de Zoobentos, NUPELIA, Universidade Estadual de Maringá, Brasil e Laboratorio de Parasitologia, Facultad de Ciencias Biologicas, Universidad Ricardo Palma, Lima, Peru).

Inventários em campo, identificação e trabalhos de curadoria na coleções científicas de moluscos do Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS, permitiram mapear as áreas de ocorrência de duas espécies de *Corbicula* de origem asiática na América do Sul: *Corbicula fluminea* e *C. largillierti*. Uma espécie ou forma diferenciada ocorrente no Guaíba, RS, ainda está em estudos. O registro mais antigo refere-se *Corbicula fluminea* presente no Rio Grande do Sul e no Rio da Prata, desde a década de 1970. Foi encontrada praticamente ao mesmo tempo nas proximidades dos portos de Porto Alegre e Buenos Aires, o que nos leva a presumir que sua introdução tenha sido, não intencional, através de água de lastro. Este molusco vem avançando gradativamente nas bacias do sul do Brasil, em direção às nascentes. Na bacia do Paraná alcançou o rio Iguazú em 1997, foi registrada para o Alto Paraná e o alto Paraguai em 1998. Em três décadas *Corbicula* spp. ocupou toda a bacia do Paraná-Paraguai. Hoje encontra-se também no baixo Amazonas, no rio São Francisco, no Rio Doce e em algumas bacias menores no Ceará. Há registros de *Corbicula* na Venezuela e no Peru, na fronteira com a Colômbia e o Equador, ocupando bacias que seguem para o Amazonas e para o Pacífico. Trabalhos comprovam que em poucos anos de invasão (aproximadamente 5 anos) *Corbicula* atingiu densidades populacionais bem superiores as das espécies de bivalves nativos, e que houve o desaparecimento da fauna nativa com o adensamento de *C. fluminea* em certas bacias. No Rio Grande do Sul foram estimadas populações acima de 5000 indivíduos por m². Há registros de entupimentos (“macrofouling”) em hidrelétrica no Rio Grande do Sul, no Paranapanema, São Paulo, e nos trocadores de calor da hidrelétrica de Porto Colômbia, no Rio Grande, em Minas Gerais (Fapergs, CAPES e CNPq).